

HORIZONTES VELADOS: A RELAÇÃO ENTRE MÍSTICA E AUTOEXTERMÍNIO*

VIELED HORIZONS: THE RELATIONSHIP BETWEEN MYSTICISM AND SELF-EXTINCTION

Bruno Schröder**

RESUMO

A mística diz respeito a uma experiência indizível, refere-se a um modo de olhar a vida e a própria existência sob um horizonte transcendental. Autoextermínio seria uma perda deste horizonte na vida. Uma pessoa que atenta contra si mesma estaria atentando contra o peso e o sofrimento que a vida se tornou ao perder seu sentido mais profundo. O objetivo desta pesquisa é estabelecer uma relação entre mística e autoextermínio, balizada pela possibilidade de se afirmar que o autoextermínio pode ocorrer quando da perda do horizonte transcendental da vida. A metodologia a ser usada é a hermenêutica, por nos permitir explorar ambos os conceitos, e correlacional, por nos permitir uma análise da relação entre eles. Serão apresentados os conceitos de mística e de autoextermínio, bem como suas características e possibilidades para, em seguida, relacioná-los e estabelecer os pontos de contato e as problemáticas que podem surgir deste diálogo.

PALAVRAS-CHAVE: mística; autoextermínio; suicídio; transcendência; sentido.

ABSTRACT

Mysticism concerns an ineffable experience and refers to a way of viewing life and existence itself under a transcendental horizon. Self-extinction would be a loss of this horizon in life. A person who attempts against themselves would be acting against the weight and suffering that life has become upon losing its deeper meaning. The aim of this research is to establish a relationship between mysticism and self-extinction, grounded in the possibility of asserting that self-extinction can occur when the transcendental horizon of life is lost. The methodology to be used is hermeneutics, as it allows us to explore both concepts, and correlational, as it allows us to analyze the relationship between them. The concepts of mysticism and self-extinction will be presented, as well as their characteristics and possibilities, in order to relate them and establish the points of contact and the issues that may arise from this dialogue.

KEYWORDS: mysticism; self-extinction; suicide; transcendence; meaning.

* Comunicação recebida em 28/05/2024 e aprovada para publicação em 20/06/2024

** Mestrando em Ciências da religião pela PUC Minas. Licenciado em Filosofia pelo Instituto São Tomás de Aquino (ISTA). Bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento de São Paulo (FSB). E-mail bcs@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A mística não é um conceito estático do qual podemos extrair uma definição única e acabada, ao longo da história ele assumiu diferentes contornos e nuances. Entretanto, há um elemento comum que permeia as diversas conceituações de mística: o olhar do místico sobre a realidade. Este olhar é distinto, pois ultrapassa o imediatismo das coisas, abraçando a perspectiva do amor. O místico é, portanto, um amante da humanidade, capaz de enxergar além das aparências superficiais. Este olhar místico, é uma resposta à “atrofia dos sentidos” que caracteriza nossa era moderna.

Neste contexto, surge uma contraposição: o fenômeno do autoextermínio ou do suicídio, um tema complexo e multifacetado que tem sido objeto de discussões e interpretações ao longo da história. Desde tempos antigos até as reflexões contemporâneas, o autoextermínio tem sido interpretado de várias maneiras, refletindo as diferentes visões filosóficas e sociais de cada época, contudo, um denominador comum a essas percepções é a de que o autoextermínio é o produto de um encurtamento do horizonte existencial do sujeito. Esta pesquisa busca estabelecer uma interface entre mística e autoextermínio, definindo os possíveis pontos de contato e as problemáticas provenientes deste diálogo.

1 MÍSTICA

A palavra mística refere-se, por sua etimologia, a um mistério. Ao indizível, (*Unaussprechliches*), ou nas palavras de Wittgenstein (2020, p. 261), “sobre aquilo que não se pode falar, deve-se calar”, escreveu o filósofo no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Remonta aos verbos gregos *μύω* (*myo*) e *μυέω* (*myeo*) que significa “calar-se” ou “fechar os olhos” e “iniciar-se nos mistérios” respectivamente. A mística, portanto, trata de uma experiência de um “totalmente outro” (expressão cunhada por Karl Barth – *Ganz anders*), o Absoluto que, dentro das tradições religiosas costuma-se chamar Deus. O conceito de mística vem percorrendo a história, ganhando nuances e contornos em cada momento histórico.

Contudo, um dado que permeia as diversas conceituações de mística é que o místico possui um olhar diferente sobre a realidade ao seu redor, ele passa a enxergar o mundo sob outra perspectiva, a do amor. O místico é aquele que consegue lançar seu olhar para além do imediatismo das coisas. (talvez por esse motivo, tantos místicos e místicas foram considerados como que apartados da realidade, alumbrados). O que não se verifica na realidade, o místico é um apaixonado pela humanidade.

O místico, como aquele que se entrega à busca mística, é alguém que adota uma perspectiva singular sobre a realidade. Seu olhar é permeado pelo amor e pela compaixão, e ele é capaz de enxergar o mundo de uma maneira que vai além do superficial. Para o místico, a realidade não se limita ao que é tangível e mensurável; há uma dimensão mais profunda, uma realidade espiritual que transcende a materialidade.

José Tolentino Mendonça em sua obra *A mística do instante* diz que hoje vive-se uma “atrofia dos sentidos”, devemos redescobrir os sentidos: o tato, o olfato, o paladar. Por isso falamos de um “olhar místico” sobre a realidade.

Citando Tolentino:

O olhar é fundamental para celebrarmos o encontro com nós mesmos e com os outros. Só se olhamos e nos deixamos impressionar pelo outro que está diante de nós é que amamos as pessoas por si mesmas. De modo semelhante, o olhar é essencial para nos lançarmos na aventura da procura de sentido para a vida (Mendonça, 2016, p. 25).

Entendemos aqui o olhar não apenas como uma dimensão fisiológica, mas sobretudo como uma janela para a compreensão e conexão com o mundo ao nosso redor, assim como com nós mesmos. Quando falamos em “olhar”, nos referimos à capacidade de perceber verdadeiramente o mundo ao nosso redor, de nos permitir sermos tocados e impressionados pelas vicissitudes da existência. É através do olhar empático e genuíno que podemos verdadeiramente amar. As pessoas que nos cercam e a nós mesmos, independentemente das circunstâncias as quais estejamos submetidos.

Ao nos permitirmos olhar profundamente para dentro de nós mesmos e para o mundo ao nosso redor, iniciamos um itinerário de autodescoberta e busca por sentido (Recordo aqui duas grandes experiências de interioridade, Agostinho de Hipona na Antiguidade e Teresa de Jesus na Idade Moderna). É através desse olhar reflexivo e atento que podemos encontrar significado em nossas experiências e vislumbrar algo maior do que nós mesmos. O olhar é um meio de buscar significado e propósito na vida.

2 AUTOEXTERMÍNIO

O fenômeno do autoextermínio tem sido objeto de diversas definições e interpretações, variando desde abordagens que o encaram de forma positiva até aquelas que o consideram negativamente. Desde tempos remotos, o autoextermínio já era praticado entre povos antigos como uma forma de garantir a coesão social ou de lidar com desafios existenciais. Portanto, não se trata de uma ocorrência recente na história da humanidade. Ao contrário, tem raízes profundas e tem sido praticado de várias formas ao longo dos séculos, assumindo significados e funções distintos de acordo com a época e a civilização em questão. Em diferentes culturas e períodos históricos, o autoextermínio foi entendido e justificado de maneiras diversas. Por exemplo, em algumas sociedades antigas, o autoextermínio era considerado um ato nobre e corajoso, associado à ideia de honra ou à busca por um destino glorioso após a morte. Em outras culturas, o autoextermínio era visto como uma forma de escapar de um sofrimento insuportável ou de preservar a integridade pessoal diante de uma derrota iminente.

Ao longo da história, o autoextermínio também foi utilizado como uma ferramenta política, social ou religiosa, muitas vezes como uma forma de resistência ou sacrifício em nome de uma causa maior. Em certas civilizações antigas era praticado como parte de rituais religiosos ou culturais, com o objetivo de apaziguar a ira de divindades ou alcançar um estado de superioridade espiritual. Já para a filosofia, esse tema tem sido examinado sob diversas perspectivas. O que nos revela uma ampla gama de interpretações sobre sua natureza, moralidade e significado. Diferentes autores, desde os gregos até as tradições posteriores, ofereceram distintas contribuições sobre o assunto.

Para Pitágoras e Platão, o autoextermínio representava um ato de insubordinação contra a divindade. Eles viam a vida como uma dádiva divina e acreditavam que tirar a própria vida seria desafiar a ordem cósmica estabelecida pelos deuses. Aristóteles, por sua vez, considerava o autoextermínio como contrário ao bem social. Para o estagirita, a vida humana é intrinsecamente valiosa e o suicídio prejudica não apenas o próprio indivíduo, mas também a comunidade em que está inserido. Os epicuristas e estoicos apresentavam uma visão mais tolerante em relação ao autoextermínio. Para eles, o suicídio era admissível e até mesmo necessário como último recurso para preservar a própria dignidade moral. Em certas circunstâncias extremas, o autoextermínio poderia ser uma escolha racional e virtuosa para

escapar do sofrimento insuportável ou da indignidade. Os platônicos e neoplatônicos consideravam o autoextermínio como perda da possibilidade de uma realização moral da própria vida após a morte.

O Cristianismo rejeita o autoextermínio como uma violação da sacralidade da vida humana. Os cristãos acreditam que os seres humanos participam da vida divina e, portanto, não têm domínio absoluto sobre seu próprio existir. O suicídio é considerado uma negação da vontade de Deus. Tomás de Aquino considera o autoextermínio uma violação direta da caridade cristã, constituindo-se em uma injúria à comunidade e um pecado contra Deus. Seu argumento fundamenta-se na ideia de que a vida humana é um dom divino, e, como tal, deve ser preservada. Na Modernidade, Descartes considera o autoextermínio como uma ofensa ao princípio da dignidade pessoal do ser humano. Para filósofo francês, a vida humana é caracterizada pela capacidade de raciocínio e pela busca pelo conhecimento e pela verdade. O suicídio nega a dignidade intrínseca do ser humano e viola os princípios fundamentais da existência humana.

Essas diferentes perspectivas filosóficas sobre o autoextermínio refletem uma ampla variedade de posturas e considerações sobre o tema. Cada uma dessas abordagens nos oferece uma perspectiva, destacando a complexidade e a profundidade das questões envolvidas. Ademais das perspectivas filosóficas, gostaria de me deter na definição clássica do termo. Émile Durkheim (1858-1917), por meio das Ciências Sociais define o autoextermínio/suicídio como: “todo caso de morte que resulte, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, ciente do resultado (Durkheim, 1982, p. 9). Para o sociólogo francês o suicídio pode ser cientificamente classificado em três tipos gerais: egoísta, altruísta ou anômico.

O suicídio do tipo egoísta ocorre quando os laços sociais que conectam um indivíduo à sociedade são fracos ou estão rompidos. Nesse tipo de suicídio, a pessoa se sente isolada, desconectada ou alienada de seu meio social. Durkheim observou que o suicídio egoísta era mais comum em sociedades onde os laços sociais eram fracos, individualistas ou onde ocorriam mudanças sociais abruptas, como nas sociedades urbanas em crescente industrialização. Nessas sociedades, a falta de coesão e a perda de vínculos comunitários tradicionais pode levar seus indivíduos ao isolamento e alienação. Durkheim observou taxas mais altas de suicídio do tipo egoísta entre pessoas idosas, viúvas, divorciadas ou solteiras, que muitas vezes enfrentam a solidão e a falta de suporte social. Da mesma forma, em sociedades urbanas altamente individualistas as taxas de suicídio tendem a ser mais altas.

O suicídio de tipo altruísta é exatamente o oposto do egoísta. Nesse tipo de suicídio, o indivíduo se vê como parte de uma comunidade ou sociedade que valoriza o coletivo sobre o indivíduo, a identidade do grupo se sobrepõe à do sujeito. Assim, o ato de tirar a própria vida é visto como um dever ou obrigação em prol do grupo. Durkheim observou que o suicídio altruísta era mais comum em sociedades onde a coesão social era extremamente forte. Em tais sociedades, as normas sociais e os valores coletivos exercem uma forte influência sobre o comportamento dos indivíduos, levando-os a abdicar de suas próprias vidas em prol do grupo. Por exemplo, em grupos militares ou religiosos muito coesos, os indivíduos podem se sentir compelidos a se sacrificar em nome de sua integridade, acreditando que estão cumprindo um dever maior para com o grupo. Nesses casos, o suicídio pode ser visto como um ato de lealdade. Em resumo, o suicídio altruísta, conforme definido por Durkheim, é um tipo de suicídio no qual os indivíduos estão tão imersos no coletivo que perdem a sua identidade, por isso tiram suas próprias vidas em nome dos interesses coletivos.

Por fim, o terceiro tipo, o suicídio anômico, ele está relacionado a um estado de desordem social (mudança súbita), no qual as normas sociais que regulam o comportamento dos indivíduos são repentinamente enfraquecidas ou rompidas. Isso pode ser resultado de transições sociais como crises econômicas, mudanças políticas, desastres naturais ou revoluções. Durante esses períodos de anomia, os indivíduos podem sentir-se perdidos, desorientados e incapazes de encontrar um sentido ou propósito em suas vidas. As normas sociais que antes orientavam seu comportamento e lhes proporcionavam segurança e estabilidade agora estão ausentes ou são ineficazes. Como resultado, alguns indivíduos podem recorrer ao suicídio como uma forma de escapar do caos e da incerteza que enfrentam. Durkheim observou que as taxas de suicídio aumentavam durante períodos de recessão econômica, quando as pessoas perdiam seus empregos, suas casas ou enfrentavam dificuldades financeiras significativas. Em síntese, o suicídio anômico, é um tipo de suicídio que ocorre em resposta à falta de regulação social e à desordem que surgem durante períodos de mudança social rápida.

Todas essas definições, oriundas da filosofia e da sociologia acerca do autoextermínio nos servem como ponto de esteio para aquilo que chamamos de perda do horizonte transcendente da vida. O encurtamento do olhar sobre o mundo e suas possibilidades de modos de existência causa dor e sofrimento ao indivíduo de tal maneira que a única alternativa que lhe sobrevém é pôr fim à sua angústia.

CONCLUSÃO

Ao relacionar mística e o fenômeno do autoextermínio, somos confrontados com a complexidade da existência humana e com a busca incessante por sentido na vida. A mística abre o sujeito em direção ao mistério. O olhar místico, permeado pelo amor e pela compaixão, revela uma realidade que ultrapassa o superficial, convidando-nos a enxergar além do imediato e a reconhecer um horizonte de possibilidades para cada ser humano. Por outro lado, o autoextermínio nos confronta com os limites dessa mesma existência humana e com a dor que a vida pode se tornar. As diferentes perspectivas filosóficas e sociológicas sobre o suicídio nos oferecem *insights* pertinentes sobre as motivações e os contextos que levam um indivíduo a tomar tão dramática decisão.

Quando o horizonte transcendente da vida se atrofia, quando perdemos de vista aquilo que dá sentido à nossa existência, a mística poderia nos ajudar a recuperar esse sentido perdido. Ela nos convida a olhar para além das aparências, além das contingências do mundo material, e a vislumbrar uma realidade mais profunda e mais significativa. A busca por um olhar místico implica em uma atitude de abertura e receptividade em relação à existência humana. Por esse motivo acreditamos que possa haver uma relação íntima entre mística e autoextermínio. Ao compreendermos o autoextermínio como a oclusão do horizonte transcendente da vida, acreditamos, por conseguinte, que este mesmo horizonte pode ser ampliado por meio de um olhar místico sobre a realidade.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo sociológico. Tradução de Luz Cary, Margarida Garrido e J. Vasconcelos. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

MENDONÇA, José Tolentino. **A mística do instante**: o tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2016.

WILDERINK, Vital J.G. **Mística e místicos**. Belo Horizonte: Editora da Divina Misericórdia, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 2020.